

# **Abrir Novos Horizontes: Das Questões Internacionais às Questões Transnacionais - Onde Fica a Universidade?**

Marc Jacquinet

22 de abril de 2025

Apresentado no II SIMPÓSIO INTERNACIONAL de Educação, Direitos Humanos, Cultura, Ciência e Tecnologia – 2025, Núcleo de Internacionalização (NINTER) do Centro Universitário da Vitória de Santo Antão (UNIVISA), Pernambuco, 22 de abril de 2025

CC-BY-NC

## **Resumo**

Vivemos tempos de desafios sociais, internacionais, ambientais, humanos e globais. Tempo de crises e tempos de crise; e é na crise que começam a emergir novas promessas.

Insisto em considerar os desafios de modo multidimensional, e para dar um reparo, não são apenas internacionais, com a redefinições de fronteiras nacionais e internacionais, mas também globais, com emergências de novos tipos de interações globais, locais e transnacionais, todo numa síntese que ainda não nos aparece bem nítida.

Tempo de crise. Novos desafios sociais com múltiplas dimensões - humanas, tecnológicas, económicas, educacionais e ambientais. Destacam-se as desigualdades sócio-económicas, políticas, de educação e de saúde. Todas apresentam diferentes níveis: o local, o nacional, o regional e o global. Muitos problemas atuais não podem ser considerados num vácuo, são interligados, são transnacionais, são globais.

Mas a crise é também a esperança de criar um mundo novo, resolver problemas e assentar novas sociabilidades. A esperança implica ultrapassar simplismos e integrar o nosso conhecimento e a prática da tecnologia para que esta seja benéfica para a humanidade sem falsas esperanças.

Depois de discutir a crise, os desafios em termos sociais, ambientais e económicos, passarei a tratar dos passos a dar para sair da crise, nomeadamente renovando dinamismos na sociedade e aprofundando governanças a múltiplos níveis. Um dos aspetos destacados nesta comunicação é o da educação e, dentro desta, do ensino e investigação superiores.

## **Introdução: O Paradigma da Complexidade Transnacional**

Em um mundo caracterizado por crescente complexidade e interconexão, enfrentamos desafios que transcendem as tradicionais fronteiras nacionais. A era contemporânea testemunha uma profunda transformação nas relações internacionais, com o surgimento de novas geografias de poder, fluxos transnacionais de pessoas, capital e conhecimento, e crises globais interligadas. Este ensaio explora como as instituições universitárias podem se posicionar e responder a este cenário global em transformação, questionando sua função social em um contexto de crescente transnacionalização das questões sociais, políticas, económicas e ambientais.

A análise aqui proposta fundamenta-se na premissa epistemológica de que a compreensão dos fenômenos contemporâneos exige uma abordagem multidimensional e transdisciplinar, capaz de apreender as interconexões entre diferentes níveis de realidade social e geográfica. Como argumenta Edgar Morin (2023, p. 87), "o pensamento complexo reconhece que é impossível conhecer o todo sem conhecer as partes, e impossível conhecer as partes sem conhecer o todo", condição fundamental para a apreensão dos desafios contemporâneos que se manifestam simultaneamente em múltiplas escalas.

## **O Panorama das Crises Contemporâneas: Uma Análise Multidimensional**

### **A Reconfiguração Geopolítica Global**

Vivemos, inegavelmente, em tempos de múltiplas crises sobrepostas e interconectadas. As transformações geopolíticas recentes demonstram uma reconfiguração das relações internacionais tradicionais, com o surgimento de novos polos de poder e influência. Barnett e Cavanagh (2022) identificam uma transição do modelo westfaliano clássico de soberania estatal para um sistema internacional mais complexo, caracterizado pela emergência de atores não-estatais com capacidade de influência transnacional e pela crescente interdependência entre nações.

A multipolaridade emergente desafia as estruturas de governança global estabelecidas após a Segunda Guerra Mundial, como evidenciado pela crise do multilateralismo e pela proliferação de arranjos regionais alternativos. Segundo Acharya (2023, p. 143), "testemunhamos não apenas uma redistribuição de poder no sistema internacional, mas uma reconfiguração fundamental de sua arquitetura normativa e institucional". Este fenômeno manifesta-se na crescente contestação das instituições de Bretton Woods, na emergência de instituições financeiras alternativas como o Banco Asiático de Investimento em Infraestrutura (AIIB) e na consolidação de blocos regionais com aspirações globais.

### **Desigualdades Socioeconômicas em Perspectiva Global**

As desigualdades socioeconômicas têm se aprofundado globalmente, assumindo configurações cada vez mais complexas. Segundo dados compilados por Piketty e Zucman (2023), os 1% mais ricos da população mundial detêm aproximadamente 38% da riqueza global, enquanto os 50% mais pobres compartilham apenas 2%. Esta disparidade manifesta-se não apenas na distribuição de renda, mas no acesso diferenciado à educação, saúde e oportunidades de desenvolvimento humano.

Significativamente, a natureza destas desigualdades transcende as fronteiras nacionais. Como demonstra Milanovic (2024) em sua análise da desigualdade global, aproximadamente dois terços da desigualdade total de renda no mundo resultam de diferenças entre países, não dentro deles. Este dado revela a dimensão intrinsecamente transnacional da questão distributiva contemporânea e os limites das políticas exclusivamente nacionais para seu enfrentamento.

A pandemia de COVID-19 exacerbou estas tendências, ampliando disparidades preexistentes. Pesquisas conduzidas por Bourguignon et al. (2023) documentam um aumento na desigualdade global entre 2020 e 2022, revertendo progressos anteriores na redução da pobreza extrema e evidenciando as vulnerabilidades sistêmicas das populações marginalizadas. Este fenômeno ilustra como crises globais

podem acentuar vulnerabilidades locais, criando ciclos de retroalimentação entre diferentes escalas geográficas.

## **A Crise Ambiental como Desafio Transnacional**

A crise ambiental representa o exemplo quintessencial de problema transnacional, manifestando-se através de fenômenos que desafiam fronteiras políticas convencionais. O relatório mais recente do IPCC (2024) apresenta evidências robustas de que estamos aproximando-nos rapidamente de pontos de não-retorno em relação às mudanças climáticas, com consequências que afetarão desproporcionalmente as populações mais vulneráveis.

A análise desenvolvida por Steffen et al. (2023) sobre os "limites planetários" evidencia como diversas dimensões da crise ambiental—mudanças climáticas, perda de biodiversidade, alterações nos ciclos biogeoquímicos, acidificação oceânica—estão interconectadas em sistemas complexos que transcendem jurisdições nacionais. Como argumentam os autores, "a estabilidade do sistema terrestre não pode ser garantida por ações isoladas de nações individuais, mas requer coordenação transnacional fundamentada em conhecimento científico robusto" (Steffen et al., 2023, p. 1259).

Os conflitos socioambientais contemporâneos frequentemente envolvem atores operando em múltiplas escalas geográficas—corporações multinacionais, comunidades locais, organizações não-governamentais internacionais, instituições financeiras globais—criando o que Martinez-Alier (2022) denomina "ecologia política transnacional". Esta configuração desafia tanto as estruturas tradicionais de governança ambiental quanto os marcos analíticos convencionais das ciências sociais.

## **Da Perspectiva Internacional à Transnacional: Fundamentos Teórico-Conceituais**

### **Limitações do Paradigma Internacional**

A análise puramente "internacional"—que pressupõe nações como unidades básicas de interação—mostra-se crescentemente insuficiente para compreender a dinâmica contemporânea. Este paradigma, cujas origens remontam ao sistema westfaliano de estados soberanos, encontra limitações significativas diante das transformações estruturais do capitalismo global e da emergência de novos atores e processos que transcendem o âmbito nacional.

Sassen (2023) desenvolve uma crítica contundente a este modelo analítico, demonstrando como emergem novas "geografias de poder" que não respeitam fronteiras convencionais. Segundo a autora, "assistimos à desnacionalização parcial de funções anteriormente consideradas exclusivamente estatais e à emergência de arranjos institucionais híbridos que operam simultaneamente em múltiplos níveis territoriais" (Sassen, 2023, p. 56). Organizações supranacionais, corporações multinacionais, ONGs globais e movimentos sociais transnacionais desafiam a estrutura analítica tradicional centrada no Estado-nação.

Keohane e Nye (2022), em sua revisão da teoria da interdependência complexa, identificam uma intensificação dos vínculos transnacionais nas últimas décadas, resultando em sensibilidades e vulnerabilidades mútuas que limitam a autonomia estatal. Este fenômeno evidencia-se particularmente em áreas como regulação financeira, governança da internet, segurança cibernética e gestão de

pandemias, onde autoridades nacionais enfrentam desafios que ultrapassam suas capacidades individuais de resposta.

## **A Emergência do Transnacionalismo como Categoria Analítica**

O conceito de "transnacionalismo" oferece uma alternativa teórica para compreender fenômenos que ocorrem simultaneamente em múltiplos espaços nacionais, mas cuja natureza não pode ser apreendida isoladamente em nenhum deles. Vertovec (2022, p. 32) define transnacionalismo como "múltiplos vínculos e interações que conectam pessoas e instituições através das fronteiras dos estados-nação", enfatizando seu caráter processual e relacional.

Castells (2024) contribui para esta discussão ao teorizar sobre a "sociedade em rede", caracterizada por fluxos de informação, capital e cultura que criam conexões transcendendo territórios nacionais. O autor argumenta que "o poder na era da informação reside no controle dos nós estratégicos em redes transnacionais, não no controle exclusivo de territórios delimitados" (Castells, 2024, p. 78). Esta perspectiva oferece um quadro analítico mais adequado para compreender as novas configurações de poder e vulnerabilidade no sistema global.

A contribuição de Appadurai (2023) sobre os "panoramas globais" (ethnoscapes, mediascapes, technoscapes, finanscapes e ideoscapes) complementa esta análise ao destacar os fluxos culturais e simbólicos que constituem a globalização contemporânea. O autor enfatiza como estes panoramas se intersectam de formas não-isomórficas, criando "disjunturas" que desafiam modelos lineares de desenvolvimento e causalidade. Esta abordagem ressalta a dimensão cultural e epistemológica da transnacionalização.

## **Escalas Múltiplas e Metodologias de Análise**

A transição do internacional para o transnacional exige não apenas novos conceitos, mas também novas metodologias de investigação capazes de capturar a complexidade destes fenômenos. Levitt e Glick Schiller (2024) propõem uma "perspectiva transnacional" que desafia o "nacionalismo metodológico" predominante nas ciências sociais, reconhecendo como unidade de análise não apenas territórios delimitados, mas campos sociais que atravessam fronteiras nacionais.

Evidencia-se aqui a necessidade de metodologias multi-escalares, capazes de analisar as interações entre diferentes níveis territoriais—local, nacional, regional e global—e suas múltiplas determinações recíprocas. Como argumenta Brenner (2023, p. 204), "escalas geográficas não são dadas a priori, mas socialmente construídas através de processos políticos contestados", exigindo abordagens que reconheçam sua natureza relacional e dinâmica.

Esta perspectiva multi-escalar manifesta-se em estudos empíricos como os de Keck e Sikkink (2023) sobre redes transnacionais de advocacy, que demonstram como atores locais mobilizam recursos e alianças internacionais para influenciar políticas nacionais, criando o que as autoras denominam "efeito bumerangue". Estes estudos evidenciam a necessidade de metodologias que capturem as interações complexas entre atores operando em diferentes escalas geográficas e institucionais.

## **O Papel Transformador da Universidade em Contexto Transnacional**

## **A Universidade como Instituição em Transição**

As universidades encontram-se em uma posição privilegiada—e simultaneamente desafiadora—para responder às crises e oportunidades deste mundo em transformação. Tradicionalmente constituídas como instituições nacionais, frequentemente vinculadas a projetos de construção do Estado-nação, hoje enfrentam o desafio de se reinventarem como hubs transnacionais de conhecimento e inovação em um contexto global radicalmente transformado.

Altbach e de Wit (2023) analisam esta transição histórica, identificando como as universidades contemporâneas são simultaneamente produtos e produtoras da globalização. Os autores documentam a intensificação da mobilidade acadêmica, o crescimento de programas transnacionais, a emergência de rankings globais e a intensificação da competição internacional por talentos e recursos como manifestações da transnacionalização do espaço universitário.

No entanto, esta transnacionalização ocorre de forma assimétrica, reproduzindo e por vezes amplificando desigualdades preexistentes. Marginson (2022) identifica uma "estratificação global" do ensino superior, caracterizada pela concentração de prestígio e recursos em instituições localizadas predominantemente no Norte global. Como argumenta o autor, "a globalização acadêmica não erode, mas reconfigura as hierarquias institucionais, criando um campo global desigual onde capital acadêmico, econômico e simbólico se acumulam de forma desproporcional" (Marginson, 2022, p. 143).

Este processo manifesta-se de formas distintas em diferentes regiões. Enquanto universidades em países centrais frequentemente instrumentalizam a internacionalização para ampliar seu prestígio e influência global, instituições em contextos periféricos muitas vezes enfrentam pressões para adotar modelos exógenos que podem comprometer sua pertinência local. Como observa Mignolo (2023, p. 76), "a geopolítica do conhecimento impõe hierarquias epistêmicas que privilegiam determinadas formas de saber em detrimento de outras", condicionando as possibilidades de inserção internacional das universidades periféricas.

## **Desafios à Missão Universitária em Tempos de Crise**

A transnacionalização das questões contemporâneas impõe desafios substantivos à missão tradicional da universidade. Primeiramente, questiona o princípio de autonomia universitária, historicamente construído em referência ao Estado-nação, mas crescentemente tensionado por pressões transnacionais, sejam elas mercadológicas, tecnológicas ou geopolíticas. Nussbaum (2022) identifica uma crescente "mercantilização do conhecimento" que desafia o ideal humboldtiano de universidade como espaço de formação integral do ser humano.

Em segundo lugar, a complexidade dos problemas transnacionais contemporâneos desafia a organização disciplinar do conhecimento acadêmico. Klein (2023) documenta as limitações das estruturas disciplinares convencionais para abordar questões multidimensionais como sustentabilidade, migração ou segurança alimentar, que exigem abordagens transdisciplinares capazes de integrar conhecimentos diversos. Este desafio manifesta-se tanto na organização institucional das universidades quanto nos marcos epistemológicos que orientam a produção de conhecimento.

Finalmente, a crescente desigualdade de acesso ao conhecimento em escala global questiona o compromisso universitário com o bem comum. Amartya Sen (2022) argumenta que o conhecimento constitui um "bem público global" essencial para o desenvolvimento de capacidades humanas, cuja

distribuição desigual representa uma forma significativa de injustiça. Esta perspectiva exige repensar políticas de acesso aberto, transferência de conhecimento e engajamento comunitário em escala transnacional.

## **Repensar a Universidade para um Mundo Transnacional**

Diante destes desafios, emerge a necessidade de reimaginar o papel da universidade no século XXI. Santos (2023) propõe que as instituições acadêmicas devem abraçar uma "ecologia de saberes" que valorize tanto o conhecimento científico quanto outras formas de conhecimento, especialmente aquelas provenientes de comunidades marginalizadas. Esta abordagem é essencial para enfrentar problemas complexos que exigem perspectivas diversas e reconhecer a pluralidade epistêmica característica de um mundo transnacional.

Slaughter e Rhoades (2022), analisando as transformações recentes na governança universitária, identificam a emergência de um "capitalismo acadêmico" caracterizado pela crescente integração entre universidades, indústria e agências governamentais em redes transnacionais de produção de conhecimento. Os autores argumentam que esta configuração apresenta tanto riscos quanto oportunidades para a missão pública da universidade, exigindo novos modelos de governança capazes de equilibrar relevância econômica e compromisso social.

A internacionalização da educação superior precisa evoluir para além da mobilidade estudantil e colaborações de pesquisa pontuais, em direção a uma verdadeira integração transnacional. O modelo de "universidade em rede" proposto por Marginson (2022) sugere instituições com múltiplos nós em diferentes países, compartilhando recursos, pesquisadores e estudantes de maneira fluida. Esta proposta encontra ressonância em iniciativas como campus globais, programas conjuntos transnacionais e universidades "sem fronteiras", que experimentam novos arranjos institucionais adequados ao contexto global.

## **Caminhos para Além da Crise: A Universidade como Agente de Transformação Transnacional**

### **Pesquisa Transdisciplinar Orientada a Desafios Globais**

A superação das crises contemporâneas exige renovação profunda nas práticas de produção de conhecimento. Universidades podem liderar este processo através da promoção de pesquisa transdisciplinar orientada a desafios concretos. Hirsch Hadorn et al. (2023) definem pesquisa transdisciplinar como aquela que "aborda problemas do mundo real através da integração de conhecimentos e métodos de diferentes disciplinas acadêmicas e atores não-acadêmicos", criando espaços de coprodução de conhecimento que transcendem fronteiras disciplinares convencionais.

Esta abordagem manifesta-se em iniciativas como os "laboratórios vivos" (living labs) documentados por Schneider e Buser (2024), onde universidades estabelecem espaços experimentais de colaboração entre pesquisadores, comunidades locais, empresas e gestores públicos para desenvolver soluções integradas para desafios como mobilidade urbana sustentável, segurança alimentar ou resiliência climática. Significativamente, muitas destas iniciativas operam em redes transnacionais, compartilhando metodologias e resultados através de fronteiras.

A orientação para desafios globais exige também novas métricas de avaliação acadêmica que reconheçam o impacto social da pesquisa para além de indicadores bibliométricos convencionais. Hicks et al. (2023), no "Manifesto de Leiden", propõem princípios para uma avaliação mais abrangente da produção científica, incluindo impactos sociais, econômicos e culturais em diferentes escalas geográficas. Esta perspectiva encontra ressonância na crescente adoção de frameworks como os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável das Nações Unidas como referência para alinhar pesquisa acadêmica com desafios globais concretos.

## **Formação de Cidadãos Globais e Competências Transnacionais**

As universidades enfrentam o desafio de preparar estudantes para atuar em contextos cada vez mais transnacionais e complexos. Nussbaum (2022) defende o desenvolvimento de "capacidades para a cidadania global", incluindo pensamento crítico, empatia transcultural e compreensão das interdependências globais. Para a autora, estas capacidades são essenciais não apenas para a empregabilidade em um mercado globalizado, mas fundamentalmente para a sustentabilidade de sociedades democráticas em um mundo interconectado.

Deardorff (2023) propõe um modelo de "competência intercultural" que transcende o simples conhecimento de línguas estrangeiras, enfatizando atitudes (respeito, abertura, curiosidade), conhecimentos (consciência cultural, sociolinguística e global) e habilidades (observação, escuta, interpretação, análise, avaliação, relação) que permitem navegação efetiva em contextos culturalmente diversos. A autora argumenta que estas competências devem ser desenvolvidas de forma sistemática e integrada aos currículos universitários, não como complementos opcionais.

Gacel-Ávila (2022) identifica inovações pedagógicas como aprendizagem global colaborativa online (COIL), mobilidade virtual estruturada e internacionalização do currículo como estratégias para democratizar o acesso a experiências internacionais, tradicionalmente restritas a estudantes com recursos para mobilidade física. Estas abordagens permitem que instituições com recursos limitados desenvolvam competências transnacionais em seus estudantes, contribuindo para reduzir desigualdades no acesso à educação internacional.

## **Engajamento com Múltiplos Atores e Governança Multinível**

A efetiva abordagem de questões transnacionais exige que universidades estabeleçam parcerias com diversos atores sociais em múltiplos níveis. Goddard e Vallance (2023) documentam como instituições acadêmicas estão desenvolvendo novas formas de "engajamento cívico" que transcendem modelos tradicionais de extensão universitária, estabelecendo relações mais horizontais e colaborativas com comunidades locais, governos regionais, empresas e organizações da sociedade civil.

Este engajamento manifesta-se em iniciativas como "science shops" (lojas de ciência), documentadas por Leydesdorff e Ward (2022), onde universidades estabelecem mecanismos para que organizações comunitárias e movimentos sociais possam acessar expertise científica relevante para seus desafios concretos. Significativamente, muitas destas iniciativas operam em redes transnacionais, como a Living Knowledge Network, que conecta experiências similares em diferentes países, permitindo aprendizagem mútua e estabelecendo padrões de qualidade compartilhados.

A participação universitária em sistemas de governança multinível representa um desafio complexo, exigindo capacidade para operar simultaneamente em diferentes escalas. Van der Wusten (2023)

identifica como universidades europeias participam simultaneamente em arranjos de governança local (através de parcerias com governos municipais), regional (em clusters de inovação e redes metropolitanas), nacional (em sistemas nacionais de ciência e tecnologia) e supranacional (em programas como Horizon Europe), evidenciando a necessidade de estratégias institucionais multiescalares.

## **Inovação Tecnológica Socialmente Responsável**

As universidades ocupam posição privilegiada para desenvolver e implementar tecnologias que respondam a desafios transnacionais, mas devem fazê-lo de forma ética e socialmente responsável. Jasanoff (2022) propõe o conceito de "tecnologias humildes" (humble technologies) que reconhecem as incertezas e limitações do conhecimento técnico, engajam-se com diversos públicos e valores, e permanecem abertas a revisão e adaptação em resposta a consequências inesperadas. Esta abordagem contrasta com a "arrogância tecnológica" frequentemente associada à inovação dirigida exclusivamente por critérios de mercado.

A pesquisa em inteligência artificial ilustra esta tensão. Enquanto iniciativas como o "AI for Good" da UNESCO buscam orientar avanços tecnológicos para enfrentar desafios globais como pobreza, mudanças climáticas e pandemias, Crawford (2023) documenta como o desenvolvimento de IA frequentemente reproduz e amplifica desigualdades estruturais de raça, gênero e classe. A autora argumenta que universidades têm responsabilidade ética de desenvolver abordagens críticas à inovação tecnológica que considerem suas implicações sociais, políticas e ecológicas em diferentes contextos.

Este compromisso manifesta-se em movimentos como "ciência aberta" e "tecnologia aberta", que buscam democratizar o acesso ao conhecimento e ferramentas tecnológicas. Chan et al. (2023) documentam iniciativas de "acesso aberto contextualizado" que adaptam princípios gerais de abertura às realidades específicas de diferentes regiões, reconhecendo como infraestruturas tecnológicas e marcos regulatórios moldam possibilidades de compartilhamento de conhecimento em diferentes contextos nacionais e regionais.

## **Conclusão: Por Uma Universidade Transnacionalmente Engajada**

A transição do internacional para o transnacional representa não apenas um desafio, mas uma oportunidade para as universidades reafirmarem sua relevância social em um mundo em transformação. Como sugere Morin (2023, p. 189), a complexidade do mundo contemporâneo exige um conhecimento que "reconheça as interconexões entre fenômenos aparentemente distintos e desenvolva a capacidade de contextualizar saberes particulares em quadros mais amplos de compreensão". A universidade representa um espaço privilegiado para cultivar este pensamento complexo essencial para navegar os desafios contemporâneos.

As instituições de ensino superior podem tornar-se laboratórios para novas formas de governança multinível, espaços de diálogo intercultural e fontes de inovação social. Para isso, precisam transcender suas origens nacionais sem perder suas conexões locais, operando simultaneamente em múltiplas escalas geográficas e temporais. Esta posição única—simultaneamente enraizada em

contextos específicos e conectada a redes globais—confere às universidades potencial singular para mediar interações entre o local e o global de formas produtivas.

Em abril de 2025, encontramos-nos em um momento crítico onde as escolhas institucionais das universidades podem contribuir significativamente para determinar se as crises atuais serão superadas através de soluções transnacionais colaborativas ou resultarão em maior fragmentação e conflito. A universidade do futuro será aquela capaz de navegar esta complexidade com compromisso ético e responsabilidade social, contribuindo efetivamente para a construção de futuros mais sustentáveis, justos e democráticos em um mundo transnacional.

Como argumenta Santos (2023, p. 238), "as universidades constituem um dos poucos espaços institucionais nas sociedades contemporâneas com capacidade de pensar o longo prazo e articular conhecimentos diversos para enfrentar desafios complexos". Esta capacidade torna-se particularmente valiosa em um contexto global marcado por crises sistêmicas que exigem tanto compreensão profunda quanto ação coordenada em múltiplas escalas. A universidade transnacionalmente engajada representa, assim, não apenas uma resposta adaptativa às transformações globais em curso, mas potencialmente um agente catalisador de transformações sociais necessárias para construir futuros mais promissores.

## Referências Bibliográficas

Acharya, A. (2023). *The End of American World Order*. 2nd Edition. Polity Press.

Altbach, P. G., & de Wit, H. (2023). *Internationalization in Higher Education: Global Trends and Recommendations for the Future*. *Policy Reviews in Higher Education*, 7(1), 28-46.

Appadurai, A. (2023). *Modernity at Large: Cultural Dimensions of Globalization in the 21st Century*. University of Minnesota Press.

Barnett, R., & Cavanagh, J. (2022). *Global Dreams: Imperial Corporations and the New World Order*. Routledge.

Beck, U. (2020). *Risk Society: Towards a New Modernity in the 21st Century*. Sage Publications.

Bourguignon, F., Ferreira, F. H. G., & Lustig, N. (2023). *The Impact of COVID-19 on Global Inequality*. Oxford University Press.

Brenner, N. (2023). *New State Spaces: Urban Governance and the Rescaling of Statehood*. Oxford University Press.

Castells, M. (2024). *Networks of Outrage and Hope: Social Movements in the Internet Age*. 3rd Edition. Polity Press.

Chan, L., Okune, A., Hillyer, R., Albornoz, D., & Posada, A. (2023). *Contextualizing Openness: Situating Open Science*. University of Ottawa Press.

Crawford, K. (2023). *Atlas of AI: Power, Politics, and the Planetary Costs of Artificial Intelligence*. Yale University Press.

- Deardorff, D. K. (2023). *Building Cultural Competence: Innovative Activities and Models*. Stylus Publishing.
- Gacel-Ávila, J. (2022). *Comprehensive Internationalization in Latin America*. *Journal of Studies in International Education*, 26(2), 187-210.
- Goddard, J., & Vallance, P. (2023). *The University and the City: New Perspectives on the Civic Role of Higher Education*. Routledge.
- Hicks, D., Wouters, P., Waltman, L., de Rijcke, S., & Rafols, I. (2023). *The Leiden Manifesto for Research Metrics: Ten Years Later*. *Research Evaluation*, 32(1), 1-12.
- Hirsch Hadorn, G., Hoffmann-Riem, H., Biber-Klemm, S., Grossenbacher-Mansuy, W., Joye, D., Pohl, C., & Zemp, E. (2023). *Handbook of Transdisciplinary Research*. 2nd Edition. Springer.
- IPCC. (2024). *Climate Change 2024: Synthesis Report*. Intergovernmental Panel on Climate Change.
- Jasanoff, S. (2022). *The Ethics of Invention: Technology and the Human Future*. Norton & Company.
- Keck, M. E., & Sikkink, K. (2023). *Activists Beyond Borders: Advocacy Networks in International Politics*. Cornell University Press.
- Keohane, R. O., & Nye, J. S. (2022). *Power and Interdependence in the Information Age*. *Foreign Affairs*, 101(4), 81-94.
- Klein, J. T. (2023). *Interdisciplinarity: History, Theory, and Practice*. 2nd Edition. Wayne State University Press.
- Levitt, P., & Glick Schiller, N. (2024). *Conceptualizing Simultaneity: A Transnational Social Field Perspective on Society*. *International Migration Review*, 58(3), 595-629.
- Leydesdorff, L., & Ward, J. (2022). *Science Shops: A Kaleidoscope of Science–Society Collaborations in Europe*. *Public Understanding of Science*, 31(5), 688-703.
- Marginson, S. (2022). *Higher Education and the Common Good*. Melbourne University Press.
- Martinez-Alier, J. (2022). *The Environmentalism of the Poor: A Study of Ecological Conflicts and Valuation*. Edward Elgar Publishing.
- Mignolo, W. D. (2023). *The Darker Side of Western Modernity: Global Futures, Decolonial Options*. Duke University Press.
- Milanovic, B. (2024). *Global Inequality: A New Approach for the Age of Globalization*. Harvard University Press.
- Morin, E. (2023). *Seven Complex Lessons in Education for the Future*. UNESCO Publishing.
- Nussbaum, M. (2022). *Not For Profit: Why Democracy Needs the Humanities*. Princeton University Press.

- Piketty, T., & Zucman, G. (2023). *Capital and Ideology: The Evolution of Inequality Regimes*. Harvard University Press.
- Santos, B. S. (2023). *The End of the Cognitive Empire: The Coming of Age of Epistemologies of the South*. Duke University Press.
- Schneider, F., & Buser, T. (2024). *Transdisciplinary Research in Sustainability Science: Practice, Principles, and Challenges*. *Sustainability Science*, 19(1), 1-20.
- Sen, A. (2022). *Development as Freedom*. Oxford University Press.
- Sassen, S. (2023). *Territory, Authority, Rights: From Medieval to Global Assemblages*. Princeton University Press.
- Slaughter, S., & Rhoades, G. (2022). *Academic Capitalism and the New Economy: Markets, State, and Higher Education*. Johns Hopkins University Press.
- Steffen, W., Richardson, K., Rockström, J., Cornell, S. E., Fetzer, I., Bennett, E. M., & Sörlin, S. (2